



# O PAPEL DA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO APRENDIZ NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

*“Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada posso lhe dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.”*

*Hermann Hesse*

---

*Prof<sup>a</sup>. Ms. Giselle Trajano Ignacio Castro*

---

## APRESENTAÇÃO

O meu interesse em investigar a importância do papel do professor-mediador no ensino a distância surgiu, a partir de um convite para trabalhar como tutora em um curso de inglês a distância da Marinha do Brasil, em parceria com um curso livre de idiomas *online* no Rio de Janeiro.

O *Curso de Inglês Online (CIOL)* é um curso de inglês a distância desenvolvido pela escola de idiomas, especificamente para a Marinha do Brasil (doravante MB), que foi organizado para oficiais e servidores civis da Marinha. Combinando o conhecimento tecnológi-

co e pedagógico dessa escola de línguas, no ambiente *online*, e o trabalho dos professores de Inglês da Escola Naval, no Rio de Janeiro, o *CIOL* oferece o desenvolvimento das quatro habilidades (compreensão oral, leitura, escrita e fala), em seis cursos: do “Foundation” (para iniciantes) ao “Advanced”, cada um deles dividido em dois módulos. Todos os cursos oferecem atividades interativas nas quatro habilidades. Os professores da Escola Naval, atuando como mediadores, interagem com os alunos, via *chat* de texto e de voz, corrigem redações e apresentam aos alunos, de forma regular, através do correio eletrônico, relatório sobre o aproveitamento no curso.

Apesar da minha falta de experiência na área, a proposta de trabalhar com ensino a distância (EAD), na época, me atraiu por vários motivos. A perspectiva de aliar a tecnologia da informática nas comunicações ao ensino de uma língua estrangeira a distância vinha ao encontro do meu propósito de ampliar meus conhecimentos no setor, uma vez que, no ensino presencial, eu já fazia uso de algumas das ferramentas da informática aplicadas à educação. Outro fator que despertou meu interesse foi o fato de poder flexibilizar meus horários, trabalhando em casa, no meu próprio ritmo. Por último, a ideia de trabalhar com alunos, a princípio intrinsecamente motivados, prontos para assumir a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem, me acenava com a possibilidade de vivenciar um papel menos controlador, como professora, no que diz respeito à visão tradicional do mestre como detentor de todo o conhecimento a ser “transferido” aos seus aprendizes.

## QUESTIONAMENTOS

No início do meu trabalho como tutora, no *CIOL*, era esta a visão que eu tinha dos papéis a serem desempenhados tanto pelos alunos como pelos professores. Aos primeiros caberia, a partir de interesses e necessidades previamente delineados, buscar o conhecimento no material *online* disponível, responsabilizando-se pela quantidade e qualidade de insumo (*input*) necessário ao seu desenvolvimento no aprendizado da língua estrangeira. Aos últimos estaria destinada a função de orientar esse processo, à medida que sua ajuda fosse requisitada pelo aprendiz, uma vez que, levando-se em conta o caráter individualizado da aprendizagem a distância, seria difícil para o tutor prover só um tipo de orientação. Neste contexto, eu me via quase que como uma consultora, disponibilizando minha *expertise* aos alunos, para que eles próprios construíssem seu conhecimento.

No entanto, o trabalho junto à coordenadora do projeto e dos outros colegas da equipe tornou evidente a necessidade de um acompanhamento mais detalhado em relação à frequência e ao aproveitamento dos alunos, desfazendo, aos poucos, as minhas ideias iniciais em relação à posição de mediadora junto às necessidades dos aprendizes e ao seu papel no processo de aprendizagem. Em função de a nossa clientela constituir-se principalmente de militares, habituados a seguir ordens, a coordenação foi se posicionando a favor de um monitoramento constante do acesso ao

*site* do curso pelos alunos, bem como do envio regular de mensagens eletrônicas, incentivando não só a participação, mas sinalizando a falta da mesma, se fosse o caso. Além disso, grande parte do nosso trabalho foi se constituindo, ao longo da prática, na análise detalhada da produção de cada aluno, fazendo-se necessária a cobrança não apenas em relação a notas, como também a prazos e metas preestabelecidas. Foi nesse cenário, portanto, que a interação aluno e professor/tutor através de *e-mails* foi crescendo em importância e, de certa forma, destacando-se como um diferencial do *CIOL*.

Contudo, a interação professor-aluno, assim caracterizada, entrou em conflito com o conjunto de expectativas que eu havia construído em relação ao ensino a distância. Nas reuniões com a equipe, o tema era constantemente levantado, principalmente no que diz respeito à grande quantidade de trabalho demandada. Nem todos pareciam concordar com essa abordagem de controle e alguns, como eu, inclusive, acreditavam até que tal forma de mediação seria contrária aos princípios do ensino a distância, no qual a autonomia do aprendiz constitui-se peça-chave para o sucesso da aprendizagem. Em meio aos debates nas reuniões com a equipe de ensino a distância na Escola Naval, surgiram então algumas questões, ainda de caráter bem geral, que me despertaram o interesse em investigar, de forma mais detalhada e sistemática, a interação aluno-professor diante do contexto de EAD. Entre elas, destaco:

- Qual é o papel do professor/ tutor no ensino a distância?
- Qual é o papel do aprendiz no ensino a distância?
- Quais são as expectativas do aluno no ensino a distância? Quais as suas necessidades?
- A autonomia na aprendizagem é pré-requisito para o aprendiz que procura a educação a distância?
- Uma atitude mais autônoma na aprendizagem pode ser adquirida e/ou estimulada?
- O que caracteriza autonomia na aprendizagem?
- De que maneira uma assistência mais controlada no ensino a distância promove ou demove o desenvolvimento da autonomia no aprendiz?

A partir dessas questões, ainda de caráter bem geral e pouco sistemático, cheguei a uma questão de pesquisa, que defini como norte do meu estudo: Qual o papel da interação professor-aluno no desenvolvimento da autonomia do aprendiz no contexto de EAD?

Essa pergunta desdobrou-se, durante o trabalho, em duas outras:

- Qual a natureza da interação professor-aluno nas trocas comunicativas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA)?
- De que forma o professor, em sua interação com o aprendiz no AVA, exerce o papel de colaborador no processo em direção à autonomia?

## A PESQUISA

Com vistas a explorar estas questões, a investigação tomou como base um referencial teórico relacionado à educação a distância de um modo geral, ao ensino de línguas a distância, à questão da autonomia na educação e ao processo de ensino-aprendizagem na visão sociocultural.

A abordagem do ensino-aprendizagem na visão sociocultural, por sua vez, baseou-se em alguns pressupostos teóricos. O primeiro, relacionado à teoria sociocultural no contexto educacional, entende o conhecimento como socialmente construído por meio de um processo de colaboração, interação e comunicação entre os aprendizes em contextos sociais. O segundo pilar diz respeito ao conceito de andaimento, definido como o suporte oferecido ao aprendiz pelo par mais competente neste processo: uma metáfora que descreve a natureza do desempenho assistido, que envolve não apenas o auxílio para que se realize uma determinada tarefa, mas também o auxílio para que se saiba como realizá-la (MAYBIN; MERCER; STIERER, 1992). Assim, segundo uma ideia mais abrangente de andaimento, o professor pode ser visto mais como um incentivador da participação do aluno, auxiliando-o a navegar no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de modo a obter um melhor desempenho.

O estudo, portanto, teve como objetivo geral investigar a forma pela qual a interação aluno/professor, no ensino a distância, pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aprendiz. Através da análise de amostras de mensagens eletrônicas (via *e-mail*) entre aluno e professor, busquei entender a natureza dessas trocas comunicativas que, fundamentalmente, visam a motivar o aluno a construir seu conhecimento de forma mais independente.

## E-MAIL

Em virtude de serem as trocas de mensagens via correio eletrônico, entre aluno e professor em um AVA, o objeto de análise da pesquisa, considere importante tratar de forma um pouco mais detalhada, do *e-mail* como gênero no contexto das novas tecnologias.

Para isto, tomei como base o artigo da professora Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva, em Marcuschi & Xavier (2005), no qual a autora aponta as principais características do *e-mail* como gênero, dentro do aspecto sociocomunicativo que o situa como tal. Segundo a autora o *e-mail* é

*[...] um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo. No entanto, o novo gênero se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores. (PAIVA, 2005 apud MARCUSCHI & XAVIER, 2005)*

Nesse ponto, consideramos relevante acrescentar à visão de Paiva as considerações de Crystal (2001, apud PAIVA, 2005) acerca do tema, uma vez que as mesmas parecem vir ao encontro da proposta de análise pragmática das trocas comunicativas entre professor e aluno, em um AVA, objeto de estudo do meu trabalho. O *e-mail* é visto por Crystal (2001) como troca conversacional (*conversational exchange*) breve e rápida, o que, a seu ver, acarreta num processo de produção mais espontâneo, diferindo da reflexão que permeia a produção escrita convencional. O autor ainda destaca o caráter dialógico desse tipo de texto eletrônico, facilitado pelo *software*, quando a opção responder é acionada.

Retomando a caracterização do *e-mail* como gênero, destacamos alguns aspectos apresentados por Vera Lúcia Menezes Paiva, que o conceitua como tal. Segundo a autora, tais aspectos ganham características especiais, quando se trata desse gênero eletrônico.

No *e-mail*, as interações entre autores e receptores (orientadores, orientandos, clientes, profissionais, amigos, coordenadores, colegas, chefes, subordinados, etc.) são geralmente de curto prazo, e têm objetivos semelhantes, a serem atingidos através da mediação de um artefato cultural eletrônico. Os desempenhos dos usuários que, nesse contexto, constituem uma comunidade discursiva, estão condicionados, entre outros fatores, ao seu letramento eletrônico, idade, cultura, classe social, *status* e gênero (masculino/ feminino).



No que se refere ao contexto, a ausência física do interlocutor causa certo desconforto em alguns usuários, o que parece gerar uma necessidade mais urgente de *feedback*, por parte do produtor da mensagem, como elemento compensador dessa ausência. Tendo em vista a velocidade do meio de transmissão, o usuário sente-se pressionado a responder às mensagens da forma mais rápida possível, pois o silêncio, nesse contexto, pode ser interpretado como descaso ou falta de interesse, desestimulando a interação e até mesmo causando o abandono de fóruns de discussão, ou ainda, de cursos a distância.

Outro aspecto característico do *e-mail*, como gênero, relaciona-se ao texto e à organização retórica. Produto das novas tecnologias, o *e-mail* agrega características de outros gêneros textuais já conhecidos, tais como: a assincronia dos textos escritos, a forma do memorando (gerada automaticamente pelo *software*), a informalidade e o número reduzido de tópicos do bilhete, e as fórmulas de abertura e fechamento de cartas.

O *e-mail* também apresenta características dos gêneros orais, como a rapidez, a objetividade e a dialogicidade. O novo gênero também se aproxima da conversa face a face, com um formato semelhante à tomada de turno e à interação telefônica. Esse aspecto foi mencionado e focado em minha análise, uma vez que propicia a dialogicidade e, portanto, o caráter interacional das trocas comunicativas analisadas.

Em suma, pode-se dizer que o gênero *e-mail* tem como característica essencial a função de repassar um conteúdo vinculando à interação e à comunicação. O *e-mail* utiliza-se do correio eletrônico para distribuir a mediação do conhecimento de origem, objetivamente, e que pode se estabelecer de forma dialógica.

Assim, considera-se que a Internet e os gêneros dela emergentes podem influenciar as relações humanas, tanto no exercício da cidadania, como na vida cotidiana e também na educação. O acesso ao correio eletrô-

nico passou a ser uma questão de inclusão social, assim como o é a questão do chamado letramento digital. No entanto, essa não é uma questão fechada e, levando-se em consideração a complexidade e o dinamismo do gênero enquanto sistema aberto a novas possibilidades de gerenciamento, outros tipos de produção textual podem surgir.

Nesse cenário, portanto, se inserem as trocas comunicativas entre aluno e professor via email, objeto de análise de minha dissertação. A partir de algumas das definições acima propostas, foi possível caracterizar essas mensagens como novos gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital.

## RESPONDENDO ÀS QUESTÕES DE PESQUISA

Cabe aqui retomar o objetivo geral da pesquisa: investigar o papel da interação professor-aluno no desenvolvimento da autonomia, no contexto do ensino a distância. Deste objetivo geral, derivaram-se duas questões de estudo.

Com a primeira questão, procurei identificar a natureza da interação professor-aluno nas trocas comunicativas, no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). A partir da análise destas trocas, verifiquei que as interações apresentam certo grau de proximidade intersubjetiva e cooperação entre os participantes. De modo geral, as mensagens que partem dos professores têm como objetivo principal motivar os alunos a participarem mais ativamente das atividades do curso *online*, cobrando frequência de acesso ao *site* e orientando-os quanto aos caminhos a serem percorridos no AVA.

Em um processo de mediação pedagógica, os professores oferecem seu apoio aos alunos, para gerenciar o aprendizado no AVA. Os alunos, por sua vez, parecem reconhecer o propósito comunicativo das mensagens dos professores, pois o conteúdo da maioria das respostas indica um grau significativo de comprometimento em assumir maior responsabilidade no processo de aprendizagem.

Além disso, os resultados da análise apontaram para o caráter predominantemente dialógico das interações professor-aluno, via *e-mail*, que, somado ao senso de proximidade entre os interlocutores, propicia uma negociação mais aberta entre os dois, para estabelecer metas e estratégias, com vistas a um melhor aproveitamento das oportunidades de aprendizagem.

Destaco o fato de o caráter interacional das tro-

cas comunicativas analisadas constituir e, ao mesmo tempo, ser constituído pelo próprio meio de comunicação utilizado: o *e-mail*. As mensagens de correio eletrônico, inseridas no paradigma dos gêneros digitais emergentes, reproduzem estratégias da língua falada, propiciando uma escrita mais amigável, mais próxima da conversa face a face, o que, por sua vez, possibilita maior interação entre os usuários, facilitando a construção colaborativa de conhecimentos em comunidades virtuais.

Em relação à segunda questão, pretendi saber de que forma o professor, em sua interação com o aprendiz no AVA, pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aluno. A análise das correspondências coletadas para o *corpus* desta pesquisa revelou que o professor, ao cobrar do aluno maior participação no processo, o faz de forma velada, utilizando estratégias de polidez, valorizando as potencialidades do aluno, o que parece estabelecer um clima de camaradagem e confiança.

A intervenção do professor, dessa forma, parece reforçar a autoestima do aluno, que, a julgar pelas respostas às mensagens, demonstra intenção de maior empenho em corresponder às expectativas do professor, comprometendo-se a atuar de forma mais participativa no processo de aprendizagem.

Além disso, observei que o professor, ao promover uma interação com o aluno, oferece não apenas suporte para o acesso às informações e manejo dos conteúdos, como também valoriza a sua presença e preocupa-se em compartilhar suas dificuldades. Nesse processo de desempenho assistido, o professor parece também levar o aluno à reflexão crítica do seu processo de construção do conhecimento, dividindo com ele a responsabilidade pelo gerenciamento da aprendizagem. Dessa forma, através do estabelecimento de uma relação de cooperação com o professor, o aprendiz pode desenvolver a consciência de si mesmo como autor de sua própria história, preparando-se para exercer, de forma mais autônoma, o controle do seu próprio aprendizado.

Vale ressaltar que a pesquisa não teve como foco a determinação do grau de autonomia obtido pelo aluno, em determinado ponto da sua trajetória de aprendizagem, mas sim no processo pelo qual o professor, através da interação com o aluno no meio virtual, pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aprendiz.

Sob o ponto de vista sociointeracional da aprendizagem, o desenvolvimento da autonomia, no con-

texto de EAD, relaciona-se à participação mais ativa, consciente e responsável do aprendiz, no processo, em uma relação de cooperação com o professor, no ambiente *online*. A análise das trocas comunicativas entre professor e aluno, que constituem o *corpus* da pesquisa, revelou que o professor, atuando de forma colaborativa no ambiente *online*, incentiva o aluno a participar de forma mais significativa no processo de aprendizagem.

Conforme observei na análise, esse incentivo se realiza, de forma geral, através da cobrança da ausência do aluno no AVA, e até mesmo da crítica ao seu baixo desempenho, em alguns momentos. No entanto, através das estratégias de polidez, o professor parece minimizar os aspectos possivelmente ameaçadores e, portanto, desmotivadores de uma cobrança ou crítica, preservando a autoestima do aluno.

Considerando a análise das respostas dos alunos, na maioria das quais identificamos intenções e promessas de maior comprometimento com os estudos *online*, pode-se dizer que eles percebem a atuação do professor como colaborativa, sentindo-se mais confiantes para assumir maior controle sobre o processo de aprendizagem.

É nesse sentido, portanto, que a análise dos dados nos permitiu caracterizar a influência do professor *online* no desenvolvimento potencial da autonomia do aprendiz. Em um processo de mediação pedagógica, viabilizado pela interação no meio virtual, ele ajuda o aprendiz a estabelecer objetivos, a planejar um programa de estudos, a administrar as tarefas e o tempo de estudo, e a identificar seus pontos negativos, bem como as qualidades, para avaliar sua aprendizagem e redimensionar as ações.

Em suma, o professor promove oportunidades para desenvolver as capacidades do aluno de pensar de forma mais crítica, de autogerenciar suas atividades e de fazer escolhas, estimulando-o a desenvolver uma atitude mais autônoma em relação ao aprendizado.

## RESULTADOS & IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

No contexto do ensino a distância, o desenvolvimento da autonomia do aprendiz desempenha papel de grande importância, uma vez que a configuração do meio eletrônico requer movimentos autônomos do aluno, principalmente no que se refere a tomar decisões e traçar o caminho de navegação a percorrer no AVA, em busca do conhecimento.

Uma atitude de aprendizagem mais independente implica o envolvimento, a interação e a participação do aluno, em situações nem sempre diretamente mediadas pelo professor.

No entanto, o conceito de independência no EAD não parece implicar necessariamente o isolamento total do aprendiz, que pode contar com o apoio do professor, dividindo com ele as responsabilidades sobre planejamento e uso efetivo das oportunidades de aprendizagem.

A pesquisa, tendo em vista os resultados obtidos, ou seja, o fato de o professor a distância, através das interações via *e-mail*, exercer o seu papel de motivador de uma participação mais significativa por parte do aluno no AVA, corroborou o que defendem autores como Anderson e Garrison (1998), entre outros, segundo os quais, a interação entre os participantes de um curso a distância exerce papel fundamental no sucesso da educação *online*.

Esses autores observam a importância do papel do professor na interação com o aluno: o apoio e colaboração do professor fazem com que o aluno se sinta amparado e mais seguro para assumir maior responsabilidade no processo de aprendizagem.

Com base nessas considerações, a dissertação confirmou a importância da interação professor-aluno no

ensino a distância, no que se refere à motivação de uma atitude mais participativa e, portanto, potencialmente mais independente, por parte do aprendiz, no processo de construção do conhecimento.

Tal evidência trouxe algumas reflexões, acerca da minha prática pedagógica, enquanto professora-tutora no ensino a distância. Ao iniciar esta pesquisa, embora procurasse, ainda que intuitivamente, estabelecer uma relação de proximidade com os alunos, através das interações no meio eletrônico, eu não tinha consciência – como agora acredito ter – do aspecto cognitivoafetivo dessas trocas comunicativas, e de seu potencial impacto no desenvolvimento da autonomia do aprendiz.

Dessa forma, penso que este trabalho contribuiu, de forma significativa, para o meu próprio crescimento profissional, na medida em que justifica, informa e aprimora, com base nos pressupostos teóricos levantados e nos resultados obtidos, uma prática de acompanhamento do desempenho dos meus alunos no CIOL.

Espero, assim, que a reflexão proposta, ao ser compartilhada com colegas e profissionais da área, possa estimular a percepção da relevância da interação professor-aluno no EAD, principalmente quanto ao seu aspecto dialógico e afetivo, na construção de uma relação mais pessoal e colaborativa com o aprendiz.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDERSON, T.D.; GARRISON, D.R. Learning in a networked world: new roles and responsibilities In: GIBSON, C. C. (Ed.) Distance learners in higher education: institutional responses for quality outcomes. Madison Wisconsin: Atwood Publishing, 1998.

CASTRO, G. T. I. *O papel da interação professor-aluno no desenvolvimento da autonomia do aprendiz na educação a distância*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAIVA, V.L.M.O. *E-mail: um novo gênero textual*. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Orgs.) Hipertextos e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.68-90.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo acontecido entre os dias 23-25 de maio, 2002. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MAYBIN, J.; MERCER, N.; STIERER, B. *Scaffolding' learning in the classroom*. In NORMAN, K. (Ed.). Thinking voices (the work of the National Oracy Project). London: Hodder & Stoughton, 1992. p.186-195.